

O Colecionador de Sacis – Apropriação e Atualização dos Mitos Folclóricos nas Redes Sociais¹

Andriolli de Brites da COSTA²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Na busca por refletir sobre a dinâmica dos mitos folclóricos no ambiente virtual das Redes Sociais pela Internet, esta pesquisa parte dos usos, apropriações e atualizações da figura do Saci Pererê – reconhecido diabrete pernetado do imaginário brasileiro – para expor os processos de hibridação ao qual a cultura popular perpassa no on-line e off-line. Durante três dias, foram coletados por meio de um algoritmo 471 tweets que traziam a palavra Saci no corpo de texto, sendo utilizada para os mais diversos fins. Procurou-se, por meio da triangulação entre uma pesquisa de natureza netnográfica e a análise de conteúdo dos tweets coletados, refletir sobre qual é esta figura de Saci evocada nas redes, como ela é atualizada pelos movimentos virtuais e sobre o que isso diz de nossa própria cultura.

Palavras-chave: Twitter; Folclore; Monteiro Lobato; Saci; Folkcomunicação

Introdução

Na pesquisa sobre cultura e imaginário popular, a relevância não está no estudo das reminiscências. O cerne da investigação não é o de formular um compêndio de referências arcaicas que perduram fora de seu tempo até os dias de hoje, e nem ao menos de construir um museu de tradições perdidas, que remetem a um passado distante e longínquo. Ao contrário, a força destes estudos está na compreensão de uma cultura viva, cujas interações movimentam sociedades, direcionando modos de sentir, pensar e agir de seu povo (CARNEIRO, 1965).

Trata-se do entendimento da dinâmica do folclore, que está vivo e permanece mutante e mutável em manifestações epifânicas que se evidenciam no cotidiano, e não em livros ou dicionários que buscam fixá-lo. Neste processo, mitos, lendas, contos e causos, ditos populares, cantigas e parlendas são resgatados, apropriados, formados e deformados de modo a permanecerem sempre contemporâneos, escapando ao anacronismo cultural. Assim, não podem ser vistos como meras relíquias e memoráblias pretéritas. Ao ecoar no tempo o lastro de sua ancestralidade, mas em diálogo direto com o horizonte social de seu tempo, o folclore não diz apenas do passado, mas também do presente e do futuro.

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em comunicação pela UFRGS. Bolsista Capes. andriolli_costa@hotmail.com

Com inspiração em Sílvia Romero, esta pesquisa recorre ao folclore como importante instrumento para sondar a alma do povo (1953). Deste modo, ao investigar a cultura viva e atuante, busca delinear as formas como manifestações folclóricas nacionalmente conhecidas são reconfiguradas nos novos tempos, ganhando relevância renovada nas dinâmicas que se desenvolvem no ambiente virtual das Redes Sociais na Internet (RSI). Para tanto, este artigo centra-se nos usos e apropriações do mito folclórico do *Saci Pererê*, renomado diabrete pernetá, pelos usuários brasileiros do microblog Twitter.

Durante três dias, de 01 a 03 de maio, foram coletados todos os Tweets postados na rede social contendo a palavra-chave “Saci” em língua portuguesa. No total, foram 471 postagens, de 18 estados brasileiros, que foram centralizadas e replicadas automaticamente por meio de um algoritmo desenvolvido para este fim no perfil do Twitter intitulado *O Colecionador de Sacis* (@ColecionarSacis). A página foi formulada em 20 de fevereiro de 2015 e tinha como objetivo justamente o de retweetar todas as postagens no Twitter envolvendo a figura do duende nacional.

Por meio deste material, desenvolve-se uma pesquisa de inspiração netnográfica – construída a partir das observações de um diário de campo, a análise de conteúdo dos tweets coletados e a descrição e reflexão sobre as interações entre pesquisador e os usuários da rede no processo da coleta. A parte descritiva destas relações entre agentes e interagentes em campo coube a um outro artigo. Neste, a partir desta análise, objetiva-se pensar qual é esta figura de Saci evocada nas redes, como ela é atualizada pelos movimentos virtuais e sobre o que isso diz de nossa própria cultura. Por fim, já com a análise apresentada, designa-se os modos como este observável dialoga com uma vertente folkcomunicacional.

Material e métodos

Um método mais tradicional de realizar esta pesquisa seria o de apenas coletar os tweets por meio da palavra-chave, sem a criação de um perfil para congregar as mensagens e nem a personalização do pesquisador na forma de interagente. A decisão de evidenciar este papel não foi tomada sem reflexão, e vai ao encontro da corrente de estudos de inspiração etnográfica em ambiente virtual, que apresenta a auto-etnografia como possibilidade de atuação metodológica. Rosalía Winocur, recorrendo a Giddens, esclarece que nesta perspectiva, o pesquisador assume riscos ao participar da experiência como um sujeito posicionado em sua própria intimidade, e já não como observador neutro. No

entanto, ao expor sua relação e imersão com o campo, é possível evidenciar “o estreito vínculo entre teoria, referente empírico, campo de observação e reflexividade” (2013, p. 6).

Assim, quando o objeto desta pesquisa começou a se delinear, eu mesmo já não poderia mais ser considerado um pesquisador neutro. Afinal, desde 2008 sou associado de número 930 da Sociedade dos Observadores de Saci (SOSACI), organização não-governamental sediada em São Paulo. Sem nenhum direcionamento propriamente dito, a SOSACI cumpre aquilo que se propõe em sua carta de princípios: reunir “os interessados em valorizar e difundir a tradição oral, a cultura popular e infantil, os mitos e as lendas brasileiras”³. Estes, por meio de ações individuais e independentes, organizam o debate público acerca da valorização da cultura nacional, da preservação ambiental (por meio da ressignificação de mitos) e do reencantamento do mundo. Destarte, surgem manifestos para se ter o Saci como mascote de mega-eventos esportivos⁴, Saciatas – passeatas em uma perna só - em resistência ao Halloween⁵, campanhas para a criação de um Dia do Saci (já instituído em certos municípios)⁶ ou rodas de contação de histórias⁷.

Com o desejo de sondar a alma do povo, a página do Colecionador de Sacis foi criada e, mais tarde, sistematizada. Se antes o perfil já tinha como objetivo a composição de um espaço virtual para centralizar as manifestações sobre o saci na rede, a partir do momento em que foi tomada a decisão de utilizar essas postagens como corpus deste artigo, foi percebida a necessidade de uma melhor sistematização do que estaria presente na timeline do perfil. O processo de seleção dos tweets era feito manualmente, em um processo que envolvia não apenas a subjetividade na escolha do que replicar, como também a disponibilidade de tempo do pesquisador ou mesmo o período do dia em que o acesso era realizado. Variáveis que poderiam deixar uma pesquisa já bastante particular ainda mais enviesada e autocentrada.

Isto se fez evidente, por exemplo, no período de veiculação do Big Brother Brasil 15, quando a participante Aline – uma negra – passou a ser hostilizada por usuários da rede

³ Ver Projeto de lei para a criação do Dia do Saci, de autoria de Aldo Rebelo, publicado em dezembro de 2013. Disponível em <http://bit.ly/DiaSaci>. Acesso em 20 Jun. 2015.

⁴ Ver matéria *Entidade quer Saci como mascote da Copa de 2014*, de 11 Jun. 2008, publicada na Globo.com. Disponível em <http://bit.ly/g1110708>, acesso em 01 Mai. 2015.

⁵ Ver matéria *Jovens comemoram o Dia do Saci com "saciata" na Avenida Paulista*, de 31 Out. 2013, publicado no IG Notícias. Disponível em <http://bit.ly/ig311013>, acesso em 01 Mai. 2015.

⁶ Ver matéria *Dia do Saci faz 'resistência pacífica' ao Halloween para preservar mitos nacionais*, de 31 Out. 2011, publicado no Bol Notícias. Disponível em <http://bit.ly/bol301011>, acesso em 01 Mai. 2015.

⁷ Ver matéria *Mitos despertam imaginário da plateia*, de 30 Abr. 2012, publicado no jornal O Estado de MS. Disponível em: <http://bit.ly/poranduba300412>, acesso em 01 Mai. 2015.

que utilizavam a palavra Saci como manifestação racista. Neste caso, não apenas houve a recusa do replicar os tweets, mas também um posicionamento contrário explícito no perfil⁸.

Desta forma, na busca por um mínimo de distanciamento de um objeto em que já havia um envolvimento tão próximo, procuraram-se alternativas para sistematizar os retweets. A opção escolhida foi a da criação de um script capaz de realizar a tarefa necessária⁹, tendo por base a palavra-chave “Saci”. As postagens passaram a ser realizadas automaticamente, sempre que o feed era atualizado com uma nova entrada da palavra-chave. Com isso, o perfil poderia acompanhar em tempo real as postagens envolvendo o diabrete, sendo que um filtro manual era aplicado *à posteriori* apenas para excluir as postagens em outros idiomas que, por vezes, fossem contempladas pelo script.

A seleção deste processo torna a pesquisa bastante própria, e colabora para os estudos de inspiração netnográfica ao apontar uma peculiaridade alcançada apenas pelo ambiente das RSI no que diz respeito ao campo de atuação do pesquisador. Mais do que ir ao campo, no processo de automação dos retweets, é possível *tornar-se* um campo ou subcampo. Ou seja, não apenas se vai ao ambiente dos usuários pesquisados, é possível congregá-los dentro de um espaço de ação e interação controlada pelo pesquisador, que tornar-se ele próprio um interagente. Isso pode ser percebido no fato de que alguns usuários retweetados pelo perfil se referiam a mim como Colecionador, e outros como se o perfil fosse do próprio Saci.

O Saci Off-Line

Vários poderiam ser os motivos pelos quais escolher justamente o Saci como foco da pesquisa. Historicamente, o principal delas se refere ao fato de ter sido justamente este mito o escolhido por Monteiro Lobato como o estandarte para sua campanha da valorização do folclore nacional. Em 1917, frustrado por se deparar com esculturas de gnomos “nibelungos” nos parques de São Paulo, encapotados e prontos para o frio germânico frente ao verão tupiniquim, o escritor – já um renomado articulista – conclamou artistas nacionais para realizar aquilo que chamou de um *7 de setembro artístico*, produzindo trabalhos centrados na figura do Saci; “satirozinho de grande pitoresca que ainda não penetrou nos domínios da arte, embora já se cristalizasse na alma popular, estilizado a sabor do

⁸ Ver <http://bit.ly/saciracismo>

⁹ O procedimento para a criação do script de retweet automático está descrito em <http://www.techcovered.org/how-to-create-your-own-twitter-auto-retweet-bot/>.

imaginário” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1998, p. 64). A *Exposição do Saci*, que resultou do chamado, foi possivelmente, “a primeira vez na terra natal do Saci, que o Saci foi guindado às regras da arte”, escreveu o próprio Lobato (2009).

Muitos artistas, no entanto, declinaram a proposta de Lobato. As pulsões artísticas, da época, eram fundamentalmente europeias e racionalistas (ibidem, 2009). As marcas da lógica positivista, que se imbricavam na sociedade entre os séculos XIX e XX, afetaram diversas instâncias do pensamento, inclusive a arte. Esta, “dominada pela preocupação positivista com observações objetivas, análises e classificações da vida humana” (SCHUDSON, 1978, p. 72) ignorava ou menosprezava os saberes populares, que sob sua ótica pareciam primitivos e vulgares. Com o Modernismo, a partir de 1922, o folclore e a tradição passam a ser valorizados pela arte elitista do período (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 68). Indiferente a isso, Lobato insistia na temática – e também no Saci. Tanto que também em 1917, Escreve para a edição vespertina do jornal *O Estado de S. Paulo* o artigo *Mitologia Brasileira*. Nele, promove uma nova campanha e convida todos os leitores a compartilhar suas histórias sobre o duende brasileiro. Para tanto, deveriam responder ao seguinte questionário:

1. Sobre a sua concepção pessoal do Saci; como a recebeu na sua infância; de quem a recebeu; que papel representou tal crendice na sua vida, etc.;
2. Qual a forma atual da crendice na zona em que reside;
3. Que histórias e casos interessantes, passados ou ouvidos sabe a respeito do Saci. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1998, p. 66).

O resultado foi publicado no livro *O Saci: Resultado de um Inquérito* (1918), assinado por “um demonólogo amador”. Nele, estão presentes inúmeras histórias, das narrativas populares às elaborações literárias, com descrições diferentes da criatura, mostrando como o mesmo mito pode ser construído de maneira diferente no imaginário de cada comunidade.

Os sacis descritos no livro são dos mais variados. Há diabretes com cascos, com garras, chifres e rabo. A imagem do Saci utilizada por Lobato para ilustrar a capa da publicação, por exemplo, mostra um Saci com dentes pontiagudos, chifres córneos e um porrete a mão, com o qual castigava os transeuntes.

Mais tarde, no Sítio do Picapau Amarelo, o Saci se mostra bem menos demoníaco, mas também possui características peculiares. Na obra infantil, ele tem costume de chupar sangue dos cavalos, possui uma coruja como escrava, foge da cruz e adora o número sete. Sobre sua personalidade, apesar de ser sempre descrito como esperto e travesso, o Saci

mostra no livro grandes conhecimentos sobre o mundo dos homens, raciocínio filosófico, capacidade descritiva quase que professoral e até mesmo conhecimento de inglês e literatura (GOMES, COSTA, 2010).

Outra característica interessante citada por Lobato é a de que o diabrete possui as mãos furadas, onde dança uma brasa para acender o pito. Referência europeia, que José Carlos Rossato relaciona às histórias portuguesas do “Fradinho da Mão Furada” – um duende que também ostenta uma carapuça vermelha (1996). Em verdade, há registros de que o Saci tenha origem indígena, e que ganhou a tez negra quando os escravos o incorporaram às suas narrativas. Um mito que congrega as três origens de nosso povo, sendo “filho do inconsciente coletivo nacional e autêntica manifestação popular, o saci – denominação resultante da corruptela do tupi-guarani *Çaa cy perereg*¹⁰ – constituía um importante instrumento para conhecer a alma do povo” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997). Esta visão ia bem ao encontro do pensamento de Silvio Romero, um dos primeiros folcloristas brasileiros - e uma das fontes bibliográficas de Lobato – que já em 1888 introduzia as reflexões sobre a mestiçagem cultural formadora de nossa identidade.

Eis aí os três povos, antropológica e etnograficamente distintos, que nos têm vindo forjar, a amalgamar na incude e no cadinho da história, cujo estado interno é preciso sondar, agora por método novo, para ser possível o exato conhecimento da alma brasileira de hoje (ROMERO, 1953, p.227).

A pluralidade de versões vai ao encontro das reflexões sobre a dinâmica do folclore, que estabelece como característica fundamental a impossibilidade de fixar os mitos, como verbetes num dicionário. O próprio Luiz da Câmara Cascudo, maior folclorista brasileiro e autor de uma série de livros nesta direção faz uma ressalva: “Os rótulos que preguei na testa do Lobisomem ou do Saci-pererê podem ser arrancados facilmente. Fixei-os apenas com a mais matuta e leal das sinceridades” (2000, p. 13).

Vale ainda mencionar que em 2006, o folclorista Carlos Carvalho Cavalheiro propõe uma retomada do Inquérito sobre o Saci, com o objetivo de publicar um livro – nunca lançado, no ano seguinte. Mesmo assim, são reunidas quase 50 histórias sobre o diabrete. As comparações entre os dois dossiês são inevitáveis, e pautam parte do que se pretendeu com esta observação. Assim, se antes Lobato podia atestar que “não há menino que em dia de vento não arregale o olho para um rodaminho de poeira e não ‘veja’ nele, com os olhos

¹⁰ “Olho mal saltitante”, segundo a tradução

da sugestão, o moleque de uma perna só" (1998), hoje, como destaca um dos depoimentos, “é raro encontrar um piá que troque os truques de um Pokémon pelas peraltices do Saci” (CAVALHEIRO, 2006).

O Saci on-line

Após investigar quem é este Saci no âmbito off-line, cabe refletir sobre que figura folclórica é esta evocada em ambiente virtual. Em apenas três dias de coleta, foi possível traçar uma miríade de usos diferenciados. Nas redes sociais, o Saci é uma metáfora e uma comparação. Quando se supõe que uma avaliação escolar será muito *difícil*, a prova será “do saci” – como também é a chuva que cai com grande *intensidade*. A pessoa muito *irritada*, acordou “virada no saci”, o que também se diz de quem planeja *enlouquecer* de tanto curtir em uma festa. Saci pode ser *apelido* ou simplesmente uma *ofensa* (5% dos casos). É indicador de *feiura*, *traquinagem*, *curiosidade*, e o que se diz de uma pessoa *chata*, ou de um *moleque*.

É lembrado por suas características físicas, por seus poderes e hábitos traquinas. Quando alguém se machuca, torce ou quebra *uma das pernas*, a comparação é inevitável (8% dos casos). Apenas quatro tweets, entretanto, utilizam a perna única como sinônimo de *deficiência*. O próprio ato de *pular* ou saltar, seja com um ou dois pés, também evoca a figura do duende (4%). Sua *negritude* é lembrada em relativamente poucos casos, alguns de postagens de tom *racista* (“só porque é negra, se acha o saci pererê”).

Alguém com muito *cabelo* está “cabeludo igual um saci”, ou então teme que o saci venha lhe *emaranhar* os fios – como o povo diz que ocorre com a crina dos cavalos. Há menções a sua capacidade de andar em *redemoinhos*, que no Twitter vira gracejo ao se propor que o saci “tirou carteira para furacão”. A própria dinâmica do mito é relacionada, quando um usuário se indaga sobre ela: “Aposto q a história do Saci deve ser mo sinistróna, ae os caras foram mudando a história até ele se tornar o neguim q deixa o *leite queimar*”¹¹.

O diabrete é inspiração para *desenhos*, *grafites*, *livros* e *letras de músicas* dos mais variados gêneros compartilhadas nas redes. No sertanejo, João Carreiro e Capataz o convocam para indagar por “aquele produto que só faz a gente rir” – referência ao fumo e ao consumo de drogas, também evidenciado quando um usuário convida outro para provar um “charuto do saci”. No Hip Hop, a banda Conecrew Diretoria critica as atitudes dos

¹¹ Por motivo de privacidade, o nome de todos os usuários utilizados na coleta foi preservado.

policiais que, de tão agressivos, “dão banda até em saci”. Nos pampas, a música tradicionalista gaúcha é lembrada com Kleiton e Kledir, que temem se deparar com “um vampiro, um lobisomem ou um Saci Pererê”. No Tomorrowland, grande festa de música eletrônica realizada no Brasil, um participante vestido de saci fez sucesso nas redes. No funk, o “passinho do saci”, em que se dança com um pé só, se tornou referência. Também nos bailes, MC Veroki provoca: “amor é que nem saci, tem que ser muito trouxa para acreditar”.

O verso da funkeira, mais do que expor qualquer descrédito em relação ao amor, introduz muito bem uma questão curiosa. Em várias situações, o Saci é utilizado como referência a algo *duvidoso* ou *inexistente*. (quase 4%). Essa postura faz com que o uso do saci ganhe ares de comentário político, criticando determinadas situações que vivenciamos em nossa realidade social. “Acredito em disco voador, saci, papai noel, em políticos não”, relaciona um usuário. “Heterofobia, Ditadura Gay, Unicórnio, Saci-pererê. Aqui podemos observar uma lista de coisas que não existem”, propõe outro. A crença ou descrença no diabrete é indiferente; relevante mesmo são os usos e apropriações que mostram que o folclore não está à parte de nossa sociedade, mas em diálogo com o presente.

O saci é lembrado em *piadas* antigas, que volta e meia ressurgem na rede. Como a história da mãe do saci, que o mandou “ir num pé e voltar no outro”. Ou do diálogo do duende com uma fêmea, quando pede que ela “fique de três” durante o ato sexual. Vários usuários também se divertem ao constatar que “se a namorada do saci levar um pé na bunda, quem cai é ele”.

Mais que piadas, o saci ressurgem em *ditos populares* contemporâneos, adequados aos desafios de nosso tempo. Isso é perceptível ao se notar que 12% dos quase 500 tweets analisados era uma variação da expressão “minha vida está mais parada que saci de patinete” – sendo que, por vezes, o que está vagaroso não é a vida, mas o Whatsapp, a timeline ou a internet. Aquele que está com grandes problemas pela frente tem toda a consciência de que está “na pica do saci”. Diversos usuários sabem que “em terra de saci, qualquer chute é voadora”, ou ainda que neste mesmo reino dos pernetas, “calça jeans dá para dois”.

Da mesma forma que Monteiro Lobato permitia que o duende brasileiro vivesse em um espaço fantástico unificado, onde monstros do folclore coexistiam com personagens do cinema, da literatura clássica e da mitologia grega, os usuários das redes sociais também se apropriam do Saci em seus respectivos *fandoms*. O Saci é Pop – ou *KPop*. Fãs de música

coreana recorreram a ele por diversas vezes para comentar os lançamentos. “Não tem #방탄소년단 uma musica #더쇼 nesse saci de álbum @SBS_MTV que eu não goste”, relata um usuário. Os fãs de *animes* também brincam com o duende, imaginando como seria um episódio em que os personagens dos desenhos animados japoneses enfrentassem criaturas do folclore tupiniquim, como o Boitatá, a Cobra Grande e o próprio diabrete.

Com a eminente estreia do último filme da série *Jogos Vorazes*, os usuários do Twitter também relacionaram o personagem Peeta – que perdeu a perna em filmes anteriores – ao nosso diabrete pernetá. Outro grupo de fãs, do produtor audiovisual Gusta Stockler (do canal *No Me Gusta* no Youtube) compartilharam à exaustão seu vídeo mais recente: um trailer sobre o saci ao estilo filme de super-herói. O objetivo era fazer o vídeo ultrapassar 1 milhão de visualizações, o que se refletiu na representatividade destes posts (quase 6% dos coletados). Fãs de Justin Bieber e *Greys Anatomy* também recorreram ao saci como sinônimo de “moleque”. Finalmente, fãs da banda mexicana *Rebelde* (RBD) brincavam com a má compreensão do espanhol, quando a letra de uma música passava de *Y es así, así es*, para “és saci, saci és”.

O saci está imbricado de maneira indissociável de nosso imaginário, o que se reflete ao percebermos a pluralidade de suas ocorrências. Ele é institucionalizado, no nome de um evento, projeto social, Escola de Samba ou mesmo operações de paraquedistas. Batiza bairros, pousadas, sorveteiras, festas e até mesmo vidraçarias – referenciadas em tweets de aplicativos de *geolocalização*. E, é claro, serve de referência para apelidos de jogadores ou mascotes de times *esportivos*.

Ainda que com menções a basquete, futebol americano e UFC, a grande representatividade do saci nas RSI é em postagens envolvendo futebol. Os três primeiros dias do mês de março coincidiram com o final de semana do Grenal - a disputa clássica do futebol gaúcho entre Grêmio (RS), cujo mascote é o Mosqueteiro, e o Internacional (RS), cujo mascote é o Saci Pererê. No mesmo período, ocorreu ainda a partida classificatória do Social Futebol Clube (MG), que compartilha com a equipe colorada o mesmo mascote. Vale ressaltar ainda que a presença de Wellington Saci, do Joinville (SC) e Fábio Saci, do América (RJ) em campo colaborou bastante para que o futebol fosse o principal motor para a presença do saci no Twitter, representado 23,8% das postagens.

Isso pode se explicar por dois motivos: o primeiro é devido a cobertura midiática do tema, por portais como o GloboEsporte.Com, que atrai não apenas uma série de retweets orgânicos, mas também o de outros scripts – como o do Colecionador de Sacis – voltados

para a replicação automática de tudo postado sobre futebol nesses perfis. O segundo diz respeito ao próprio imaginário do saci, que mescla o diabrete com aqueles que emprestam seu nome. Exemplo disso é quando o Figueirense FC exigiu que o Joinville FC fosse investigado por documento que omitia a idade de um jogador. O caso repercutiu na forma de piada nas redes sociais: “N é uma boa ideia botar o Saci pra jogar, capaz do Figueirense denunciar ele pq tem duas pernas”¹², brincavam os usuários. Quanto a briga de mascotes, as provocações são ainda mais evidentes. “~Foi desafiando o Mosqueteiro que o Saci perdeu a perna!~ p tu ver, até só com uma perna o Saci é melhor”, bradava uma usuária.

Considerações finais

A dinamicidade da cultura popular - em ambiente virtual ou off-line - se dá, grande parte, devido ao processo comunicacional. É a partir da comunicação que os signos e símbolos que permeia os fatos folclóricos são operacionalizados pela sociedade, ganhando e perdendo significados na medida da práxis diária. Tal pensamento dialoga com o que propôs Luiz Beltrão ao abordar o que chamou de folkcomunicação, isto é “um “processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes (...) através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p. 79).

Quando pensada por Beltrão, esta vertente dizia respeito à comunicação das classes populares, que estabeleciam suas próprias estratégias comunicacionais que não as da grande mídia hegemônica – dentre as quais fazia parte o próprio folclore. No entanto, como lembra Hohlfeldt a folkcomunicação não é o folclore em si.

É o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (HOHLFELDT, 2002).

O próprio Beltrão, já em seu trabalho seminal, reconhecia a importância da comunicação de massas. Afinal, com os grupos que compõem a sociedade tão vastos, heterogêneos e dispersos, a troca de informações cara a cara se tornava ineficiente. Para a sociedade de massa, era preciso uma comunicação maciça e coletiva (2001, p. 54). Portanto, com o desenvolvimento natural das Mídias massivas, nada mais natural que ver o

¹² Todos os tweets coletados para a pesquisa podem ser acessados pelo link a seguir. Por motivo de privacidade, o nome destes usuários foi preservado:

conceito se expandir. Concorde-se, assim, com Marques de Melo, quando reflete que a Folkcomunicação assume "natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica" (2004, p. 13).

É justamente este intercâmbio de significações que se percebe na presença do saci no Twitter. O processo de hibridação integra o saci ao mundo pop e aos fluxos informativos das redes sociais. Os tweets coletados não utilizam a palavra "Folclore" para se referir ao saci uma única vez, e nem ao menos podem ser utilizados como evidência de crença na existência do diabrete por parte destes usuários. Mesmo assim, ao comunicar processos ligados de maneira direta ou indireta ao folclore, eles dão a ver um elemento tão integrado ao imaginário brasileiro que diz sobre nossa própria identidade.

Edison Carneiro, autor de *A dinâmica do folclore* definia a expressão como os modos de sentir, pensar e agir de um povo em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais de seu tempo. E sob a pressão da vida social, o próprio povo seria o responsável por atualizar, reinterpretar e readaptar constantemente estas manifestações (1965, p. 2). É nesta dinamicidade que se percebe a presença do saci nas redes como uma resposta à reflexão apocalíptica de que os Media de Massa representariam o fim da cultura popular. Indiferente ao meio, concreto ou virtual, esta pesquisa atesta aquilo já proposto por Cascudo em meados do século passado: "Onde estiver um homem viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica" (2000, p. 240). Onde houver um brasileiro, lá haverá um saci.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Carmen. Lúcia; CAMARGOS, Márcia M.; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato**: Furacão na Botocúndia. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Um Estudos dos Agentes e dos Meios Populares de Informação de Fatos e Expressão de Ideias. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 266 p.

CARNEIRO, Edison. **A dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.
_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2000.

CAVALHEIRO, Carlos. C. **Inquérito sobre o Saci-Pererê**. Sorocaba: Create Editora, 2006. Acesso em 13 jun. 2015. Disponível em. http://www.create.com.br/saci_05.htm

FRAGOSO, Sueli.; AMARAL, Adriana.; RECUERO, Raquel. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOMES, Márcia M.; COSTA, Andriolli de Brites da. **Literatura Oral na Indústria de Massas – Uma Abordagem Folkmediática d’O Sítio do Picapau Amarelo**. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. 33, 2010, Caxias do Sul. Anais. São Paulo: Intercom.

HOHLFELD, Antonio. **Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação**: Pesquisas acadêmicas se aproximam dos Estudos Culturais. Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom, 2002). Salvador: intercom, 2002

LAJOLO, Marisa.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LOBATO, Monteiro. **O Sacy Pererê**: Resultado de um Inquérito. Rio de Janeiro, Gráfica JB, 1998
_____. A exposição do Saci. In: VALLE, Arthur (org.). **Revista do Brasil (1916-1918) - Artigos e Críticas de Arte**. 19&20, Rio de Janeiro, v. IV, n.2,abr. 2009. Disponível em: <http://bit.ly/ExposiçãoSaci>.

MARQUES DE MELO, José. Introdução à Folkcomunicação: gênese, paradigmas e tendências. in: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004, p. 11-24.

ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953. [1888]

ROSSATO, José Carlos. **Saci**: o mito dos mitos. São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1996.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: A social history of American newspapers**. New York: Basic Books, 1978.

WINOCUR, Rosalía. **Etnografias multisituadas de la intimidad online y offline**. In Revista de Ciencias Sociales - Segunda Época. Ano V. n. 23. 2013.